

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE ARTE CORPORAL

Valéria Ferreira Diniz Alves

O CHARME COMO VOZ DA PERIFERIA DO RIO DE JANEIRO

Orientadora: Profª. Ms. Maria Alice Monteiro Motta

Rio de Janeiro
2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE ARTE CORPORAL

Valéria Ferreira Diniz Alves

O CHARME COMO VOZ DA PERIFERIA DO RIO DE JANEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Escola de Educação Física e Desportos da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
parte dos requisitos necessários à obtenção do
grau de Licenciatura em Dança.

Orientadora: Profª. Ms. Maria Alice Monteiro Motta

Rio de Janeiro
2022

- Catalogação na Publicação

F3830c FERREIRA DINIZ ALVES, VALÉRIA
O CHARME COMO VOZ DA PERIFERIA DO RIO DE JANEIRO
/ VALÉRIA FERREIRA DINIZ ALVES. -- Rio de Janeiro,
2022.
50 f.

Orientador: Maria Alice Monteiro Motta.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Educação Física e Desportos, Licenciado em Dança,
2022.

1. CHARME. 2. MOVIMENTO. 3. DANÇA. I. Monteiro
Motta, Maria Alice , orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, por estar hoje tendo condições de realizar esse trabalho: por todo o apoio de trajetória de vida.

À minha filha por ter me apoiado a fazer Faculdade de Dança; especialmente pelas broncas dadas para eu estudar com objetivo de ingressar na UFRJ.

Obrigada, Professora Maria Alice, pelos incentivos e dicas em todo o percurso do Curso de Licenciatura!

E finalmente, agradeço a todos que passaram por mim nesse período acadêmico e indiretamente me ajudaram, deixando algum atravessamento; incluindo os professores da banca.

RESUMO

ALVES, Valéria Ferreira Diniz. O Charme como voz da periferia do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Dança) – Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2022.

Esse trabalho mostra a importância da Dança denominada Charme nas periferias cariocas e todo o cunho social envolvido nessa cultura. As pessoas que estão imersas nessa cultura, que se mostram pela Dança, mas também por todo um código de comportamentos são chamadas de charmeiros. O tema tem relação com a licenciatura, pois a escola é um importante momento para mostrar os malefícios do preconceito e da violência que permeiam as manifestações periféricas. Nesse sentido, o trabalho procura despertar no leitor o desejo de conhecer, se envolver com o assunto e, consequentemente, auxiliar na ampliação e nos debates que envolvem o movimento Charme. O primeiro capítulo “Adentrando no Movimento Charme”, aborda um pouco do contexto histórico e as características peculiares desse Movimento. Utiliza, principalmente, as referências e vivências da autora. No segundo capítulo, “A Escola Precisa Dançar”, examina-se qual (ou quais) Dança(s) estão presentes no ambiente escolar e busca refletir o quanto o Charme pode estar inserido no ambiente escolar. Por fim, o terceiro capítulo “A Expressividade Negra quer Falar”, procura -se apontar o quanto há de preconceitos com culturas que têm em sua origem as relações afrodispóricas, e o quanto a cultura (Charme) é marginalizada por ser, na maioria dos ambientes, uma expressão de pessoas negras e periféricas.

PALAVRAS CHAVES: CHARME; MOVIMENTO; DANÇA.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	10
Figura 2	12
Figura 3	13
Figura 4	14
Figura 5	17
Figura 6	18
Figura 7	19
Figura 8	20
Figura 9	24
Figura 10	25
Figura 11	26
Figura 12	27
Figura 14	29
Figura 15	31
Figura 16	33

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 – ADENTRANDO NO MOVIMENTO CHARME	11
1.1 – Contexto histórico	11
1.2 – Características peculiares.....	12
2 – A ESCOLA PRECISA DANÇAR	20
2.1 – Qual a Dança está na escola?.....	20
2.2 – Charminho também é dança	22
3 – A EXPRESSIVIDADE NEGRA QUER FALAR	29
4 – CHEGOU AGORA A HORA DA AUTORA.....	31
Referências	35
ANEXO A – Certificados	36
APÊNDICE A – Perguntas básicas (padrão) das entrevistas	38
APÊNDICE B – Transcrição das entrevistas	39

INTRODUÇÃO

Branca? Filha de mãe loura e carioca; e pai negro e nordestino. Tenho a pele clara, cabelos pretos e encaracolados. Nasci em Bonsucesso, subúrbio carioca. Vivi minha infância e boa parte da adolescência no Meier. Costumava aos domingos ir à matinê de um Baile Charme que ficava perto da Rua Castro Alves. Como, uma boa charmeira, também ensaiava e inventava passos para testar no próximo baile. Cheguei a ser chamada a atenção pelo professor, em uma apresentação de *New Jazz*, em um clube, por estar dançando Charme do lado de fora, ao invés de estar concentrando. Fazer o quê? Já era viciada e não sabia!

O trabalho conversa com as pessoas que são levadas pela hipnose das danças dos bailes charmes e com a cultura acolhedora dos charmeiros. A hipnose é a vontade de não parar de dançar, de querer fazer muito mais passinhos a todo o momento. A acadêmica é frequentadora de Bailes Charmes, ministra aulas de Dança Charme (em projetos artísticos, tais como Teatro Municipal do Rio de Janeiro e Teatro Cacilda Becker). Já fez parte de dois grupos de Dança Charme (ensaizando no Centro Coreográfico do Rio de Janeiro), inclusive tem o DRT em Dança Charme. O trabalho também tem vídeo dança de trabalhos nas escolas sobre o Charme. Considero que as aulas que são lecionadas por mim, na atualidade, são muito diferentes que as do início do curso de Licenciatura em Dança. Em minhas aulas atuais, as mudanças de planos, a criação, o encorajamento ao bem-estar são incentivados. Essas só foram possíveis serem notadas as suas importâncias com o amadurecimento consciente e temporal; através da metodologia de Helenita Sá Earp (experimentação dos parâmetros movimento, espaço, dinâmica, forma e tempo).

O tema “O CHARME COMO VOZ DA PERIFERIA DO RIO DE JANEIRO” possui muita importância para o contexto atual de nossa sociedade. A periferia já é um lugar de descaso pelo poder público. O charme se destaca então, principalmente, com a dança, para a coletividade. Um dos aspectos a ser considerado é o estudo da Cultura Charme, a qual é de origem africana e tem como protagonista, em sua maioria, a população negra do subúrbio carioca. Nesse sentido, o trabalho procura despertar no leitor a vontade de ter um envolvimento com o assunto e consequentemente, uma possível, ampliação do citado movimento. Para isso, junto com a parte teórica, apresentaremos um vídeo de ilustração sobre meu trabalho, que incluem inserções do Movimento Charme no ambiente formal e

informal. O foco de estudo tem relevo para a licenciatura, pois o Charme veio de uma cultura que é vítima de muitos preconceitos. Nesse sentido, a escola surge como uma possibilidade de local onde esse preconceito/intolerância possa ser debatido. Temos como referência a Lei 10.639/03 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação). Essa versa sobre o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas e ressalta a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira. O cerne é o papel socializador dessa cultura, tendo também como locais de pesquisa os principais Bailes Charmes no Rio de Janeiro, a atuação da autora como licencianda (IFRJ, CAP/UFRJ e CEFET/RJ), bem como os cursos livres oferecidos (Teatro Municipal, Teatro Cacilda Becker) pela mesma.

O referido trabalho tem como objetivos estudar a Cultura Charme, despertando no leitor um envolvimento com o Charme, perpetuando o Movimento, valorizando a Cultura Afrodescendente, através do destaque do papel socializador da Cultura Charme (mostrando as manifestações de Charme no Rio de Janeiro, dentre elas, os bailes). E principalmente, colocar a escola como integradora, situando-a como não tolerante a exclusões.

A figura, a seguir, retrata a moção recebida pela autora pela contribuição à Cultura Charme no Rio de Janeiro (Figura 1). É de extrema importância esse destaque, pois considera-se, pela autora, que haverá a ampliação de uma cultura pela sua constante propagação.



Figura 1 – Moção de Aplausos recebida pela autora, na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, em função da contribuição à Cultura Charme no Rio de Janeiro.

1 – ADENTRANDO NO MOVIMENTO CHARME

1.1 – Contexto histórico

Segundo Nascimento (2013, p.8), “no Brasil, houve uma grande migração forçada de negros para o Rio de Janeiro para serem escravos. Após a alforria, essa parte pobre da população ia morar em cortiços no centro da cidade, por falta de opções devido às condições financeiras.”

De acordo com Freire (2017, p.26), “no século XIX e XX tínhamos em Paris os referenciais de cultura, civilidade, desenvolvimento e elegância.” Aconteceu que o Rio de Janeiro também queria imitar a “Cidade Luz” com suas práticas sociais. Como o Rio sofria também com diversas doenças, foi determinada uma reforma urbanística no centro da cidade, com a demolição dos cortiços. Tudo foi devidamente feito com a boa justificativa de reforma sanitária. Na realidade, havia também um preconceito racial camuflado. Com o preço alto dos aluguéis no Centro, as pessoas se mudaram para os morros e os subúrbios do Rio de Janeiro. Temos em Freire (2017, p.32) o conceito que “subúrbio é o local onde é servido pelo transporte do trem”. O contexto evoluiu: há muitos bairros no subúrbio que não possuem estações de trem e os que têm, a oferta é deficiente. Prefiro conceituar subúrbio como o local afastado do Centro. O subúrbio também transmite uma noção de abandono do poder público, de ausência.

Considerando o Movimento Charme, Madureira é o lugar do subúrbio que mantém a maior evidência no Movimento Charme. Apesar de todo lugar ser um centro produtor de cultura, considera-se que Madureira foi o que teve mais destaque como berço do Charme: fato comprovado através de massivas reportagens nos meios de comunicação e manutenção dos bailes.

Para Freire (2017, p.8), o Charme é caracterizado como uma dança em que os passos são coreografados e são executados em grupo. As narrativas de comportamento, modos de vestir, estilo, pertencimento, orgulho e negritude permeiam a Cultura Charme e o significado de pertencer ao grupo, de se reconhecer e ser reconhecido.

Quem denominou esse movimento de Charme foi o DJ Corello¹ (figura 2). Ele introduz músicas mais lentas para o que se tocava na época e o público começa a

¹ Criador do termo Charme, na década de 80

gostar. O Charme foi criado no subúrbio carioca e continua sendo uma manifestação típica dele. Ele é dançado em coletividade, com músicas tradicionais (ou seja, as que sempre são tocadas nos bailes), já marcadas com suas coreografias; e com gestos bem sensuais.

Para Freire (2017, p.8), a expressão usada por Corello, “chegou a hora do charminho, transe seu corpo devagarinho”, passou a marcar a entrada das músicas R&B contemporâneo, termo que se refere ao soul americano, e os frequentadores passaram a fazer coreografias tidas como elegantes e charmosas; já que eram movimentos contidos (principalmente porque a vestimenta não permitia movimentos amplos). A partir disso, “o baile do DJ Corello era para fazer um charminho, dançar charminho e acabou virando baile”.

Para a consolidação desse Movimento e ajudar em sua ampliação há a Lei 9504 (Lei DJ Corello) de 03 de dezembro de 2021 que ratifica o Dia Estadual do Movimento Charme como sendo o dia 08 de março (dia de sua denominação há mais de 40 anos). Esta lei também visa dar proteção aos seus espaços de memória e de suas manifestações culturais, para que se mantenha acesa essa cultura. Apesar de já estar formalizada a data comemorativa, ainda se comemora o Dia do Movimento Charme quando há a liberação de verbas de fomento à cultura. Exemplo: houve a comemoração Dia do Charme/Dia dos Namorados no dia 12.06.22 no Parque de Madureira, por financiamento de verbas públicas. Tudo é válido para que o Charme não seja só lembrança de outras gerações!



Figura 2 – Imagem de DJ Corello, cunhador do termo charme na década de 80.



Figura 3 – Imagem de um baile Disco Music no Clube Mackenzie na década de 80.

1.2 – Características peculiares

O baile Charme sempre foi e continua sendo um lugar de coletividade. É o momento de troca entre os frequentadores, através da denotação do sentimento de comunhão entre os presentes com a execução do mesmo passinho por quase todos. O coletivo pode ser notado com a foto, a seguir, do “Eu Amo Baile Charme”. Ela foi tirada em um Baile no Engenhão: observamos que há pessoas de várias faixas etárias.



Figura 4 – Imagem do baile “Eu Amo Baile Charme”, no Engenhão, Rio de Janeiro, 2021.

A cultura Charme é agregadora. Qualquer um, em um baile, pode-se arriscar a dançar e será ajudado por um charmeiro; mesmo que ele não te conheça; a aprender o passinho das músicas tradicionais. Elas são as que já tem os passinhos já marcados (podem ser as antigas e as novas), levando o executante a uma hipnose de prazer.

As roupas usadas no início do surgimento dos Bailes Charmes eram roupas sociais. Essas tinham como função fazer a pessoa se sentir elegante, ajudando sua autoestima. Com esse vestuário, as pessoas só conseguiam dançar com movimentos contidos. Isso se deve também a algumas características, tais como: o Charme tem um andamento musical lento; muito pouca mudança de base; os passos são marcados, com pouquíssimas variações; utilizam-se muito os membros inferiores; destacam-se os quadris e a coluna; há polirritmia; é dançado em conjunto; presenças dos movimentos potencial e liberado; poucas mudanças de níveis; espaço para criação individual, mas dentro da base.

Pode-se observar que ainda, no ano 2022, há discriminações de gênero no Charme. Encontram-se pouquíssimas mulheres atuando como DJ's, a linha de frente nos bailes, normalmente, é comandada por homens e só houve uma professora de Charme no Viaduto de Madureira, e ela só iniciou esse ano. Para Iza, as pessoas que são homossexuais não mostram sua escolha sexual, tão transparentemente nos Bailes.

Já que no Baile Charme era o momento dos frequentadores (maioria população de baixa renda e de origem afro-brasileira) dizerem, com os corpos, “eu existo”; “eu sou lindo, não para você, mas para mim”; essa manifestação popular começou a atrair uma grande quantidade de pessoas; se perdurando até hoje.

Como mencionado, antigamente, seus frequentadores usavam roupas mais sociais nos bailes. As mulheres usavam vestidos mais longos, sapatos ou sandálias de saltos altos e os cabelos sempre com penteados. Os homens usavam calças e blusas sociais, sapatos tipo bico fino e chapéus panamá. Essa vestimenta fazia as pessoas saírem de suas realidades e se sentirem mais elegantes, mais importantes. Esses trajes só davam a possibilidade de dançar na sensualidade, pois não havia como fazer movimentos muito amplos; os movimentos eram contidos. Hoje em dia, as pessoas se vestem de forma mais esportiva, mas sempre não esquecendo de usar a melhor roupa.

Para Patrícia², “ir a um baile de Charme tinha toda uma produção que ia desde o cabelo até os sapatos”. Uma imagem que a marcou muito, que nunca esqueceu, foi de uma vez indo ao Baile do Vera Cruz (Abolição), as pessoas não se sentarem no ônibus para não amassarem a roupa.

Para a autora acadêmica charmeira, os bailes dividem-se em de “Raiz” e dos “Novinhos”. Considera como bailes de raiz os mais antigos, que nasceram quase que década de 80. Eles são caracterizados com pessoas de vestuários mais clássicos (sociais), coreografias mais contidas (a vestimenta era um empecilho), músicas com ritmos mais lentos.

Como exemplos de bailes de “Raiz”, tivemos o do Disco Voador (Marechal Hermes), Clube Marabu (Piedade), Vera Cruz (Abolição), Mackenzie (Meier), Bola Preta (Centro), Viaduto de Madureira etc. Desses citados, o Viaduto de Madureira perdura até hoje e o Mackenzie retornou com o Baile com o DJ Corello.

Já o dos “Novinhos” são os bailes que existem hoje, mesmo sendo o Movimento Charme uma cultura antiga. É costume, no início desses bailes, dançar Charme de raiz (linha clássica) para depois migrar para linha charme que se mistura com o hip hop. Dessa forma, atendendo o gosto da população charmeira mais jovem. O Charme de raiz pode ser conceituado com movimentos mais contidos, remetendo a época que não era possível dançar com movimentos amplos, devido à vestimenta.

Como exemplos de Bailes “dos Novinhos”, destaca-se: Viaduto de Madureira (figura 5), Black Bom (nascido na Pedra do Sal; ocorre mais no Centro do Rio de Janeiro; figura 6), Eu Amo Baile Charme (concentra mais seus eventos na zona norte do Rio de Janeiro; já realizou bailes no Engenhão, Sesc Madureira etc.; figura 4), Guto (Madureira; figura 7), Essência Black (Taquara, Engenhão e Madureira; figura 8) e uma vez por mês o DJ Corello realiza um baile charme no Bar Vumbora, que fica no anexo do Clube Mackenzie (mesmo clube onde Corello denominou esse lindo movimento de Charme). Todos esses bailes citados existem atualmente.

O Viaduto de Madureira, para autora, é um baile eclético, pois ele tanto é baile de raiz quanto de novinho. E nele encontra-se charme de raiz até às 1(uma)

² Patrícia é produtora cultural e professora. Teve seu primeiro contato com o Movimento Charme em 1994. As entrevistas completas encontram-se em anexo.

hora da manhã e depois uma linha mais atual que se mistura com o hip hop. Para ela, a figura abaixo bem representa o Baile Charme do Viaduto de Madureira:



Figura 5 – Imagem do panfleto/propaganda do Baile Viaduto do Madureira, no Rio de Janeiro, 2022. Fonte: Instagram Viaduto de Madureira

Abaixo, o Baile Black Bom; que se caracteriza por executar mais seus bailes no Centro do Rio de Janeiro e esses são frequentados mais por jovens.



Figura 6 – Imagem do baile *Black Bom*, no Rio de Janeiro, 2021.

A seguir, temos imagens do Baile do Guto e do Essência Black. Os dois se concentram em Madureira. O Essência, às vezes, realiza eventos no Engenhão e Jacarepaguá. São Bailes dos Novinhos, porém predomina Charme de Raiz. As pessoas costumam ir elegantes, algumas mulheres até de salto alto.



Figura 7 – Imagem do Baile Charme do Guto DJ, em Madureira, Rio de Janeiro, 2022.



Figura 8 – Imagem do Baile “Essência Black”, na Escola Dyla Silvia, Taquara, 2021.

2 – A ESCOLA PRECISA DANÇAR

2.1 – Qual a Dança está na escola?

Os principais problemas enfrentados pelo ensino de dança escolar são a falta de preparo e conhecimento dos professores ao desenvolverem o conteúdo dança na escola (as aulas normalmente não são ministradas por professores licenciados em dança), a questão do preconceito e a dificuldade da participação masculina em atividades rítmicas e/ou dançantes. O que normalmente acontece é que a dança fica restrita ao ballet e assim surgem mais preconceitos de colocar um menino para participar da aula. A visão da sociedade é que atividades relacionadas ao corpo, ao sentir, emocionar-se, com movimentos associados à graça, leveza e delicadeza são exclusivamente coisa de mulher (ALVES, 2021).

A Lei 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), com suas alterações, garante o ensino da arte como componente curricular obrigatório, nos diversos níveis de educação básica. A Dança estaria incluída no componente curricular Artes.

Esse trabalho faz uma alusão a não observação mais criteriosa na escolha da modalidade da dança a ser ministrada nas escolas. As escolas englobam o ensino formal (primeiro e segundo graus) e academias de dança. Todas tendem a focar no ballet, não valorizando os outros tipos, havendo a ausência do Charme.

Nas aulas de Dança Educação no curso de Licenciatura em Dança na UFRJ, foi discutido pelos alunos que lecionavam ballet que muitas escolas formais já definem que a dança do ano letivo inteiro vai ser o ballet e não perguntavam a opinião da professora de dança. Era uma imposição. Nas academias de dança (escolas informais) é muito normal valorizarem o ballet, sendo muito visível a discriminação. Por exemplo, a autora passou mais de 10 anos levando a filha para as aulas de sapateado em uma escola de dança tradicional na Tijuca e observou que bolsas de estudos eram oferecidas para os alunos do ballet e que o maior número de coreografias a serem dançadas na apresentação de final de ano era de ballet.

Já que o ballet já tem seu valor reconhecido há anos, precisa-se dar destaque às danças de origem afro-brasileiras e isso pode ser incentivado com a valorização delas no ambiente escolar, através da lúdicode, com os elementos da história e da dança.

O Charme deve ser visto como forma educativa na Escola, e não só como forma de expressão nos bailes. A Escola deve ser o local de discussão dos preconceitos, das dificuldades que esses povos de origem afro-brasileiros sofrem.

É muito importante que a dança esteja incluída, com transdisciplinariedade com outras disciplinas. Isso é devido para o aprender trabalhar em grupo, com uma boa auto-estima entre os integrantes. Dessa forma, entra uma cultura afro-brasileira, tal como o Charme; para que possa ser pensado o não preconceito em nossa sociedade. Para isso, deve haver mais professores licenciados em Dança.

Alessandra³ ratifica que “as escolas podem ser o meio reproduutor de toda essa rica cultura, que é o Charme”. Ela acha que as crianças aprendem rápido e isso só teria a agregar para a difusão e propagação

2.2 – Charminho também é dança

Por toda exposição mencionada no capítulo 2.1 é de suma importância que o Movimento Charme continue sua ampliação. Isso pode ocorrer de maneira mais fácil, na educação formal, de forma lúdica com a dança.

No IFRJ⁴, eu comecei participando de várias atividades, tais como ministrando aulas de dança Charme (na forma presencial). Posteriormente, coordenou a ação de extensão “O IFRJ TEM SEU CHARME” (também de forma presencial; figuras 9-11). Logo após, coordenou o projeto de extensão de mesmo nome que a ação. Tanto a seleção para a ação quanto para o projeto foi através de editais. Como forma de acelerar a divulgação do projeto, a autora foi Membro da Comissão de Criação do Plano de Cultura do IFRJ.

O projeto tinha como objetivo falar um pouco da instituição, da Cultura Charme e ensinar um pouco da dança. Às vezes, isso ocorreu através de minicursos.

Ele teve que ser adaptado para a forma remota devido à pandemia. Porém houve ramificações no Rio de Janeiro, Niterói, Volta Redonda, Paracambi e IFRN.

Na forma presencial, conseguiram-se mais trocas. Os alunos chegaram a fazer minibaile depois da aula. Já na forma remota, foi repassada a parte histórica e as características do Charme. No Rio de Janeiro, os estudantes conheciam mais essa manifestação cultural. A estratégia remota para a parte prática dos passinhos foi a de ensinar a coreografia uma hora de frente e outra de costas para a câmera.

A pesquisadora continuou esse processo de divulgação da Cultura Charme também em seus estágios obrigatórios da UFRJ⁵: em artes (CEFET-RJ⁶, na forma remota), em artes cênicas (CAP-UFRJ⁷, na forma presencial). Muitos dos estudantes

³ Alessandra é cabeleireira e conheceu o Movimento Charme no Amarelinho, na Cinelândia. Entrevistas completas em anexo.

⁴ Instituto Federal do Rio de Janeiro

⁵ Universidade Federal do Rio de Janeiro

⁶ Centro Federal de Educação Tecnológica/RJ

⁷ Colégio de Aplicação da UFRJ

não conheciam essa cultura, por isso a importância da não paralisação no tempo em termos de divulgação. No CAP-UFRJ também ocorreu o citado anteriormente, os alunos continuaram a dançar mesmo tendo acabado a aula. Em 2022, também ministrou uma aula baile no CEFET-RJ (figura 12).

Muito importante na Aula de Charme, no CAP, foi a discussão das diferenças entre o Charme e o Funk. Foi lembrado que muitas músicas de Charme possuem conteúdo erótico: é que não é percebido, por ser a letra em inglês. Alguns alunos relacionavam o Charme como a dança que os pais fazem, ou seja, não conheciam a realidade dos jovens nos Bailes Charmes. Outros, do sexo masculino, tiveram dificuldades em se soltarem nas atividades propostas. Na aula baile do CEFET, os alunos incorporaram a atividade. A grande maioria foi produzida nos moldes de um baile real.

Já na educação não formal, participou ministrando várias oficinas de Charme. Pode-se citar o “CHARMEANDO NO MUSEU” no FESTIFC no Museu da República em 2020 e “CHARMEANDO” no projeto Ovárias, no Centro Cultural Laurinda Santos Lobo, no mesmo ano. As duas atividades foram bem contagiantes, pois foram ao ar livre, influenciando na alegria de executar o movimento. O público alvo era extensivo a todos que desejasse dançar. Foram repassadas coreografias tradicionais dos Bailes Charmes. O desempenho dos alunos foi muito bom!

Coordenou o projeto “CHARMEANDO NO TEATRO” no Teatro Municipal do Rio de Janeiro (figura 13) e atualmente o coordena no Teatro Cacilda Becker. A proposta vem para mostrar que o teatro não é algo distante da população. É um lugar de integração que pode também difundir uma cultura afro-brasileira, vítima de tantos preconceitos. O projeto surge para exaltar esse movimento, fazendo com que mais pessoas possam saber o que é a Cultura Charme, e, principalmente, que o teatro possui ações de integração com a população. Com a propagação da Cultura Charme, espera-se difundir o não preconceito racial, social, de gênero e etário com a integração de diversidades. Na maioria das aulas, foi repassada a parte teórica dentro da prática para que ficasse mais fácil a assimilação de quem não conhecia a cultura, visto que a maioria dos alunos a desconhecia.



Figura 9 – Imagem da arte de divulgação da Oficina de Dança Charme do projeto de extensão “O IFRJ tem seu Charme”, pelo IFRJ, 2021.



Figura 10 – Imagem da arte de divulgação da Oficina de Dança Charme do projeto de extensão “O IFRJ tem seu Charme”, pelo IFRJ, em 2019. Fonte: https://www.instagram.com/_vferreiradinizalves/

**IV SEMANA DE EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA,
CIÊNCIA E CULTURA DO IFRJ CAMPUS
NITERÓI**

**INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL:
a nova fronteira da ciência brasileira**
20, 22, 27 e 29 de outubro de 2020

ISBN:

O IFRJ TEM SEU CHARME

Valéria Ferreira Diniz Alves
Instituto Federal do Rio de Janeiro – IFRJ Reitoria
valeria.alves@ifri.edu.br

Marcus Vinicius Teixeira de Azevedo
culturacharme@gmail.com

Evento: IV Semana de Educação, Tecnologia, Ciência e Cultura do IFRJ Campus Niterói

Resumo: O projeto "O IFRJ TEM SEU CHARME" tem como principal objetivo fazer interagir os diversos públicos com o universo do IFRJ, através da dança charme. Para isso tem como objetivo englobar várias faixas etárias, gêneros e classes sociais; deixando claro que a cultura charme veio para integrar os indivíduos: objetivando a não discriminação, cultuando a cultura da paz. Na atividade livre inscrita foi dada uma breve explicação do que é o projeto de extensão "O IFRJ TEM SEU CHARME" do edital 02/2020, o que é a cultura charme e uma oficina de dança charme. Os materiais utilizados foram somente celular e caixa de som. Toda atividade teve duração aproximada de 30 minutos. Foi uma atividade ASSÍNCRONA. O dia da realização foi dia 27 de outubro de 2020.

Palavras-chave: Charme. Cultura. Dança.

Referência:
Oliveira, Ester. O Charme do Baile: Identidade, Cultura Popular e Etnicidade em Bailes Black no Rio de Janeiro. 2007. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Henrique dos Santos Martins, Carlos. O Charme: Território Urbano-Popular de Elaboração de Identidades Juvenis. 2004. Universidade Federal Fluminense.

Azevedo, Marcus. O Charme – SPDRJ. Disponível em: <https://spdrj.com.br/wp-content/uploads/sites/150/2020/03/APOSTILA-DAN%C3%87A-CHARME.pdf>. Acesso em: 20 set. 2020.

**INSTITUTO FEDERAL
Rio de Janeiro
Campus Niterói**

PROEX

Figura 11 – Resumo do trabalho desenvolvido no projeto de extensão “O IFRJ tem seu Charme”, com parceria do coreógrafo Marcus Azevedo, março de 2021.



Figura 12 – Imagem de divulgação de aula-baile no CEFET-RJ, em agosto de 2022.



Figura 13 – Imagem de divulgação do projeto “Charmeando no Teatro”, 2022. Fonte: Arquivo pessoal.

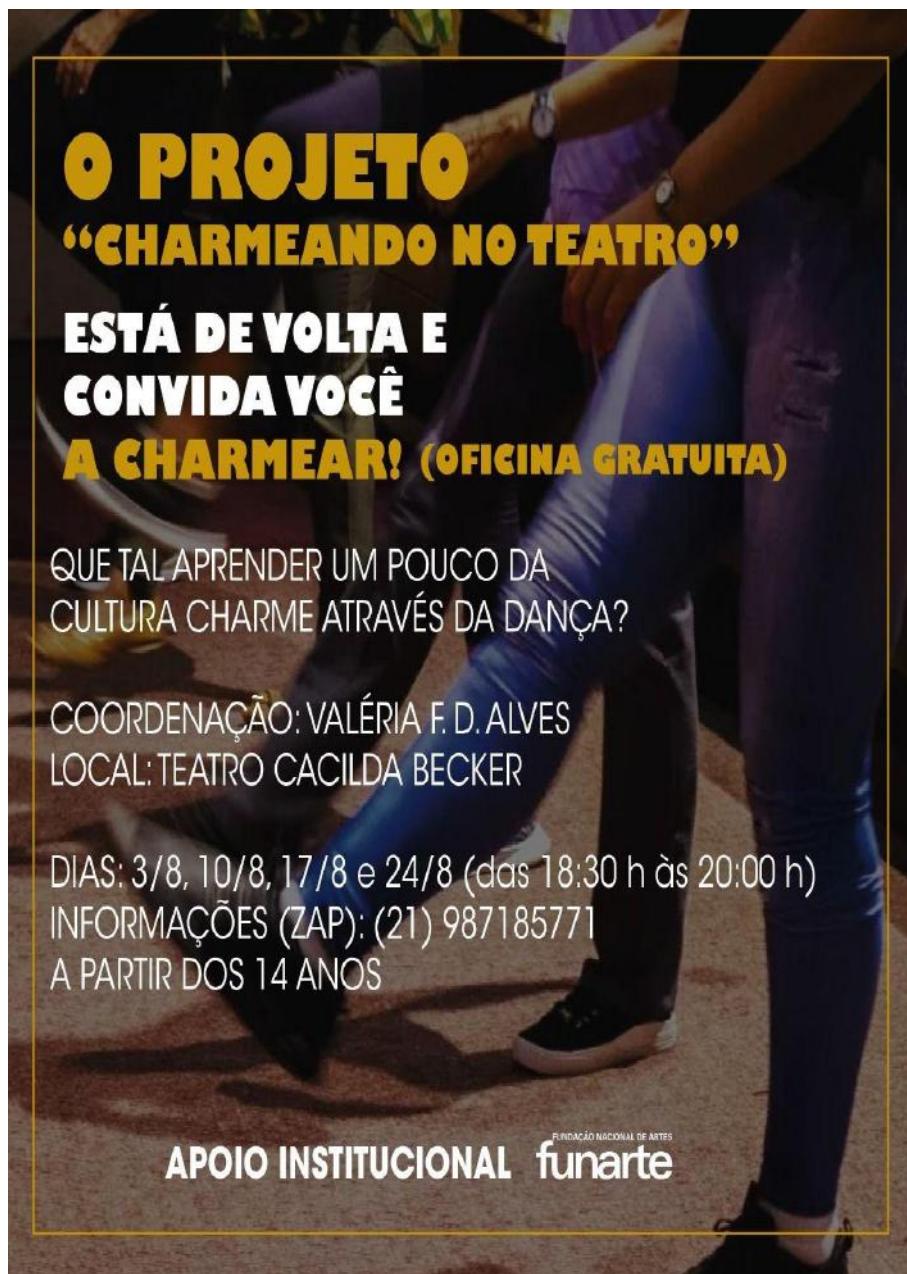


Figura 14 – Imagem de divulgação do projeto “Charmeando no Teatro” no Teatro Cacilda Becker, 2022.

3 – A EXPRESSIVIDADE NEGRA QUER FALAR

Precisa-se falar dos preconceitos que alguns povos sofreram e sofrem, e de uma cultura que é marginalizada por ser, na maioria, frequentada por um povo negro, de classe baixa e da periferia. Deve-se resistir e desconstruir padrões.

O projeto da autora (“CHARMEANDO NO TEATRO”) de Movimento Charme no Theatro Municipal recebeu várias críticas nas redes sociais. Uma delas foi que o

Teatro era lugar para o clássico e não de uma cultura das favelas. Deve-se ter em mente que ele, o teatro, deve ser o local de agregação, de diversidade e não de discriminação. Dessa forma, estar-se-ia aniquilando toda uma ancestralidade⁸ de todo o município em estudo. O projeto também foi criado para mostrar que as diversas culturas devem interagir entre elas e não ser algo isolado. Para a autora, as mudanças mais rápidas sempre ocorreram com sentimentos de união!

Outra foi que ia ser ensinado Movimento Charme e o importante era a Dança Charme. Deve-se ter em mente que o Movimento é mais abrangente e engloba a Dança, e tenta transformar a realidade e os conceitos preconcebidos, como esses relatados, por exemplo.

E com certeza, há muito a ser transformado, em termos de ideias, nesse Movimento e em vários outros de nossa sociedade. Observando, que não é para retirar sua tradicionalidade! As alterações, para progressões, são sempre bem-vindas, desde que não se modifiquem sua estrutura base, seu passado!

Esse capítulo, também, é o momento das expressividades mais importantes das entrevistadas no trabalho. Para Iza⁹, “há muito machismo no baile para quem consegue reconhecer. A maior parte dos DJs são homens, a maioria das pessoas que puxam os passos, que fazem os passos, em si, são do sexo masculino. Para ela, existe uma música que fica muito evidente o machismo no baile. Nela, as pessoas gritam “safada”, “cachorra”, etc. Os termos são todos no feminino. É algo a refletir como o Movimento e a sociedade reflete um problema social que é o machismo”.

Fatos históricos que fazem parte da tradição do Charme, puderam ser observados por Patrícia em suas idas aos bailes. Uma imagem que a marcou muito foi a de um ônibus em direção a um baile, para a zona norte, não haver pessoas sentadas, só em pé; para não amassar a roupa. Era muito importante estar impecável: os cabelos, os sapatos. As mulheres iam de salto, os homens de sapato social. Os cabelos, normalmente, eram de chapinha.

⁸ O termo refere-se a passado e é importante, pois deixa uma contribuição para evolução da sociedade.

⁹ Iza é analista de RH e começou a frequentar o Charme no Parque Madureira.
Entrevistas completas em anexo.

4 – CHEGOU AGORA A HORA DA AUTORA



Figura 15 – Imagem da entrada do Baile Viaduto de Madureira, Rio de Janeiro, 2022.

O referido trabalho “O CHARME COMO VOZ DA PERIFERIA DO RIO DE JANEIRO” procurou não só mostrar a dança, mas o Movimento Charme. Ele refere-

se a movimento, pois não é algo que fica estático no tempo, mas que, por exemplo, luta contra o preconceito contra a população negra e nos faz pensar sobre sua expressão nos bailes. Deve-se atentar também que seria de grande valia a escola ser o primeiro momento para ele, com os alunos, a refletirem sobre esse tema de cunho social.

Além da escola, o trabalho também é focado no lado hipnótico dos Bailes Charmes, incluindo-se o acolhimento dos charmeiros com as pessoas que estão indo conhecer o baile pela primeira vez. Consideram-se hipnóticos os Bailes, pois os frequentadores têm dificuldades de parar de dançar. Destaca-se o Charme ser de origem afro-brasileira e ter como protagonista, em sua maioria, a população negra do subúrbio carioca.

Durante as reuniões de orientação desse trabalho, foi discutida se existe, realmente, uma paz no Charme. Considera-se que isso significa uma não agressão corporal dentro do espaço físico que o baile está ocorrendo. Esse trabalho de conclusão de curso tem como objetivo maior procurar despertar no leitor a vontade de ter um envolvimento com o assunto e consequentemente, um possível, aumento do citado movimento. A escola teria um lugar de destaque como integradora e intolerante às exclusões.

Os capítulos abordaram o contexto histórico, as características peculiares do Charme, qual dança está na escola, que o Charme também é dança para se inserir no ambiente escolar e que a população do Rio de Janeiro é, em sua maioria, negra e necessita se expressar. Dessa forma, devem-se criar mais estratégias para que a Cultura Charme não se apague no tempo. Isso só poderá ocorrer com mais propagação da importância dessa cultura afro-brasileira. E uma maneira seria haver aulas de Movimento Charme nas escolas. Nesse contexto, a dança estaria incluída, mas deve-se pensar, também, nas características, histórico, parte social; etc. A Dança Charme nas escolas deveria ser pensada como processo pedagógico, através do pensar no coletivo, da não hierarquia, etc. Como exemplo, pode-se citar que trocando a frente na hora de dançar, estar-se-ia praticando a não hierarquia.

O Projeto Charmeando no Teatro teve mais aceitação no Teatro Cacilda Becker. Considero que as pessoas viam o Teatro Municipal como algo muito formal. No Cacilda, os corpos estavam mais dispostos a interagir; participando também das aulas seguintes. O espaço fornecia uma maior integração; podendo brincar com os olhares.

Todo o atravessamento da UFRJ me fez pensar em moldes diferentes em ministrar as aulas. Antes estava condicionada a tomar como exemplo o que os outros faziam. Atualmente, tento usar os conceitos aprendidos na universidade e aplicá-los com os alunos. Logo, esse estudo não é um fim em si mesmo. O ser humano está em constantes aprendizados e mudanças para melhor!



Figura 16 – Manifestação de um dos bailes da Cultura Charme no Rio de Janeiro. Fonte: Arquivo pessoal.



Foto: Tete Silva.

Referências

- ALVES, Valéria Ferreira Diniz. **A importância das aulas de dança nas escolas.** Esporte e Movimento. 2021. Disponível em: <https://esportee movimento.com.br/blog/a-importancia-das-aulas-de-danca-nas-escolas>. Acessado em: 16 de jun. de 2022.
- ALVES, Valéria Ferreira Diniz. **O movimento charme.** Esporte e Movimento. 2021. Disponível em: <https://esportee movimento.com.br/blog/o-movimento-charme>. Acessado em: 2021
- CRUZ, Luciana Mota da. **Baile Charme de Madureira e o processo de patrimonialização de natureza imaterial no Rio de Janeiro.** Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2017.
- FREIRE, Libny Silva. **Chegou a hora do charminho: A construção do imaginário da cultura charme e da identidade charmeira.** Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- NASCIMENTO, Marina Marçal do. **Baile do Viaduto de Madureira: estratégias de territorialização através da cultura.** Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.
- OLIVEIRA, Ester. **O Charme do Baile: Identidade, cultura popular e etnicidade em bailes black no Rio de Janeiro.** Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007.
- SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DE DANÇA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Apostila de conteúdo e referências para a prova teórica de charme. **Cultura charme.** Rio de Janeiro. Disponível em: <https://spdrj.com.br/wp-content/uploads/2021/07/APOSTILA-DANCA-CHARME.pdf>. Acessado em: 2021
- Imagen de DJ Corello,** Acervo dos Bailes, 1980. Fonte: <http://acervodosbailes.blogspot.com/2012/07/corello-dj-um-dos-maiores-icones-da.html>. Acessado em: 2022
- Imagen de um baile Disco Music no Clube Mackenzie,** 1980. Fonte: <http://acervodosbailes.blogspot.com/2012/07/corello-dj-um-dos-maiores-icones-da.html>. Acessado em: 2022
- Fonte de várias imagens:** <https://www.instagram.com/vferreiradinizalves/>. Acessado em: 2022
- ALVES, Valéria Ferreira Diniz. **Parte integrante do TCC: “O Charme como voz da periferia do Rio de Janeiro,** 2022. Disponível em: <https://youtu.be/OGut80u0sxw>. Acessado em: 07 de jan. de 2023.
- Brasil. **Lei 9394** de 20 de dezembro de 1996.
http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf, que dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

ANEXO A – Certificados





APÊNDICE A – Perguntas básicas (padrão) das entrevistas

- 1) Apresentação: nome, idade, profissão
- 2) Como e quando você tomou conhecimento do movimento charme?
- 3) Falar sobre os bailes que você ia e continua a frequentar
- 4) Comentar sobre o machismo no charme
- 5) Falar um pouco sobre as amizades nos bailes
- 6) O que você acha do charme nas escolas?

APÊNDICE B – Transcrição das entrevistas

1) TRANSCRIÇÃO ALESSANDRA:

Meu nome é Alessandra Silva de Araújo. Tenho 47 anos e sou cabeleireira.

É, tomei conhecimento do Movimento Charme há muitos anos atrás na minha adolescência, é, quando eu tinha amigos que frequentavam o baile charme no Amarelinho na Cinelândia e também no Bola Preta na Treze de Maio. Então, tive interesse em ir conhecer esse baile e me apaixonei por esse ritmo maravilhoso que é o charme e por esse movimento que é a Black Music. Estou apaixonada até hoje! O início, é, da minha vida em baile charme foi no Amarelinho na Cinelândia, Asa Branca na Lapa, Bola Preta na Treze de Maio. E, em Madureira: Tem Tudo de Madureira, Viaduto (quando viaduto ainda era aberto e era gratuito, não era pago), Feijão & Cia. Enfim, todos os bailes charmes de antigamente eu frequentei. E o que me atrai nos bailes até hoje, né, é a música em si, do charme; as pessoas que são educadas. É muito difícil você ver uma briga em baile charme. Isso foi uma coisa que me atraiu bastante, que eu gostei muito é de você sempre por mais que você fique um tempo sem frequentar um baile, quando você volta seus amigos estão lá, sabe. Isso é uma coisa que me atrai e que me faz gostar sempre de estar frequentando os bailes charmes.

Sempre dancei, e, atrás das pessoas para aprender, né, mas como eu já frequento há muitos anos o baile charme, eu passei a gravar, a memorizar as coreografias. Então, quando eu dei por mim eu já estava na linha de frente, que hoje em dia na linha de frente ficam mais as pessoas que sabem puxar os passinhos. E hoje em dia eu sou uma pessoa, assim, me sinto muito feliz e grata porque tem pessoas que fazem eventos de charme que hoje até me contratam, né, para puxar a pista, ou seja, aquilo que é a minha diversão também se tornou um trabalho também para mim. Então, isso é muito gratificante: eu trabalhar com uma coisa que eu amo e a dança pra mim é minha paixão. Eu amo demais! Quando eu estou dançando, é como se eu estivesse flutuando. Eu saio de mim: parece que minha alma sai de meu corpo. É uma coisa assim inexplicável!

Tenho muito orgulho, pois, é, eu sou uma pessoa muito querida nos bailes. Eu posso demorar muito tempo sem ir, mas quando eu volto o carinho, o amor que

eu sinto pelas pessoas, a receptividade, sempre continua a mesma coisa. Então, é muito gostoso receber essa troca. Porque eu também dou isso para as pessoas: o carinho, o respeito, o amor, a atenção, a amizade. Eu tenho amigos do charme que eu conheço há 40 anos. Isso para mim vale ouro! Não tem preço!

Acho válido, sim, (é) ter o charme dentro das escolas; pois assim como tem muitas escolas que nas aulas de dança eles ensinam funk, axé, é, ologum, tem ritmistas, enfim, tem várias modalidades. Por que não o charme? E tem crianças, eu conheço várias que não conheciam e comigo aprenderam a dançar, a conhecer a música e hoje gostam. Então acho válido sim ter charme nas escolas. Então quanto mais crianças, é, terem esse gosto, por esse movimento entendeu, é, que só tem a agregar. Com certeza, é muito válido! Eu sou a favor!

2) TRANSCRIÇÃO IZA:

É, meu nome é Raíza dos Santos (R-A-Í-Z-A dos Santos). É, tenho 31 anos, faço 32 agora em maio. É, eu trabalho com RH. Eu sou analista de RH. Trabalho com RH e DP, departamento pessoal.

Olha, eu comecei a frequentar, de verdade, foi o parque. A gente ih. Graças a esse amigo que, né, eu conheci e ia para tudo quanto evento que tinha em Madureira. Ele e os primos dele, né, aí me davam carona. Aí eu cheguei a ir graças a essa carona para ir e para voltar. Eu cheguei a ir nos bailes charmes que tinham nos quiosques do Parque de Madureira: nos dois (o primeiro quiosque que é às quintas feiras e o quiosque do chafariz que é aos domingos. É, quando terminava o charme do domingo a gente ia pro charme da CUFA, se não me engano. Na CUFA tinha um charme também. A gente ia para aquele charme. É, era o charme da CUFA e na CUFA também tinha um outro evento que eu não lembro mais qual era o nome. Que eu não lembro se era só aos sábados ou aos domingos, que também não era só charme em si. Era uma mistura: tocava charme, tocava todos os tipos de black music no evento. Se não me engano era de domingo para segunda e eu acho que o charme que a gente ia na CUFA era de sábado para domingo. Não lembro exatamente como era. Mas tinha os dois charmes no Parque que eu frequentava, tinha esse evento na CUFA, que também tinha charme, às vezes, e tinha o Viaduto de Madureira. Esses eram os eventos que eu sempre ia durante a semana. É,

também tem o EABC, que não era um evento fixo, que eu digo, tipo não é um evento semanal. É que eu frequentava também. Eu fui em vários EABCs. No EABC do SESC, quando tinha. Depois teve uma época que o EABC (Eu Amo Baile Charme) foi pro Engenhão, que era muito legal também. E fora, também ia nos Baile do Branco, no Baile do Guto e qualquer outro baile que também me chamassem, eu ia, né. E eu continuo a frequentar, claro por causa da pandemia deu uma parada, né, não nos bailes. Alguns bailes realmente pararam na época da pandemia, pararam no início da pandemia. É, aí eu parei de ir também, mas um pouco antes da pandemia eu ia em bastante. Tipo toda semana era de lei e pelo menos 3 (três) vezes ao baile: baile de quinta, o viaduto de sábado e o baile do Parque de Madureira no domingo. Esses eram os bailes fixos que eu ia religiosamente toda semana. Os outros variava dependendo do dia em que caia, dependendo de quem fosse, mas toda semana eu ia para algum baile – algum baile charme, e é sempre. Agora na pandemia essa parada de 2 (dois) anos de baile e to voltando agora. Eu comecei a sair de novo foi, talvez, em fevereiro. Mais ou menos, eu acho que fui em algum baile em janeiro, não tenho certeza, mas eu comecei a ir mais agora em fevereiro; a sair mais de casa para ir para baile.

Olha eu sempre conheci algum Movimento Charme, né, a ideia, porque os meus tios já frequentavam quando eram mais novos, (é) os meus primos, de vez em quando, eles iam pro Viaduto. Eu cheguei a ir pro Viaduto algumas vezes, mas eu não participava, na verdade, eu só ia, né. É, quando eu comecei a ir de verdade, com vontade de participar, de interagir, com charme em si, deve ter sido em 2015/2014, 2015, 2014/2016, mais ou menos, é que eu comecei, a de verdade, o Movimento Charme. E eu ia pro Viaduto sem a família, sem meus primos. É, eu comecei a tomar consciência da parte da dança e tal graças a um amigo meu que de vez em quando ele ia para o Parque, aí eles me davam carona e eu aí junto. Ali eu comecei a me interessar um pouco mais pela dança em si. Lá no Parque esse amigo, não lembro se foi esse amigo, ou alguém com interação no Parque que me informou que tinham as aulas de dança no Viaduto. E na época as aulas eram de graça. Aí eu entrei na página do viaduto. Se não me engano era página do Viaduto, eu acho, aí eu me inscrevi e comecei a fazer as aulas. Aí nas aulas que comecei a interagir com as outras pessoas e fui começar a entender o que era de fato o Movimento Charme. Comecei com as aulas no Viaduto. Depois, eu, as aulas no Viaduto devem ter começado de 2015, mais ou menos. Aí das aulas do Viaduto, eu

comecei a fazer aula com o Marcus, Marcus Azevedo no SESC de Madureira e fazia. É, no Viaduto e no SESC com o Marcus, depois na Arena também com o Marcus, Marcus Azevedo. É, e foi assim, meio a interação com as pessoas. Aí eu comecei a pesquisar um pouco mais sobre o Movimento Charme e eu tive que fazer um trabalho pro um curso de línguas, que estava fazendo na época. E decidi falar sobre Madureira e nesse mesmo período que estava conhecendo o Movimento Charme e tal. É, através desse trabalho que eu fiz falando sobre Madureira. Eu, esse trabalho conseguiu, a pesquisa, o trabalho abriu um pouco meus olhos para o charme em si e o que o Charme simbolizava, a história realmente do Charme. Embora nas aulas fosse passada para a gente, mais ou menos, a história do Charme e tal não ficava para a gente, pelo menos para mim não era muito claro. Ficou claro quando comecei a pesquisar motivada por esse trabalho que eu percebi a interação do Charme com o Movimento dos Bairros da Zona Norte, com o Movimento Negro, Movimento LGBTQIA+ e por aí vai.

Então, (é) o machismo no baile charme tem bastante, é bem evidente, na verdade. Mas, não chega a ser uma coisa muito. Assim, é evidente para quem consegue reconhecer, né para quem entende o que é o machismo e tal. Pra as pessoas que são ignorantes, nesse assunto, não é uma coisa muito escancarada. O baile em si por ser uma junção de perfis e ainda por cima o Baile de Madureira, os bailes que acontecem em Madureira eles são muito, a população em si que frequenta o baile charme de Madureira é muito diverso. Porque Madureira em si é um bairro muito diverso. Você vai encontrar pessoas que moram na Zona Sul vindo pra Madureira, vai encontrar a própria população da Zona Norte, vai encontrar a Zona Oeste. E as pessoas vem de vários pontos do Rio de Janeiro pra Madureira em si. Você vai encontrar muitos imigrantes em Madureira também. Então, é um bairro muito misturado. E o fato de ser muito misturado, ele não fica algumas coisas, nele, não ficam muito claras. (né) Como o machismo, o racismo, e todos os outros ismos que a gente pode listar. O machismo, em si, na minha visão, ele começa já com o próprio Movimento em si (né). Porque se você reparar a maior parte de nossos DJs são homens, as músicas elas são, não as músicas em si, mas os passos digamos assim das músicas. A maioria das pessoas que puxam os passos, que fazem os passos, em si, são homens. Não teria nenhum problema nisso se você não chegasse no baile e a maior parte fosse mulher. As mulheres no Movimento Charme, na minha visão tem um; não tem espaço para ter um papel tão grande

assim. Obviamente agora a gente tem DJ`s, grandes DJ`s femininas, mas elas não são conhecidas pelo Charme em si. Os DJ`s são todos homens. A vestimenta do Charme em si, pode ser vestimenta em si que é aceita pelo Charme em si ela não reflete, ela não deixa espaço para uma feminilidade. Não que necessariamente por ser mulher você tem que entrar no esterótipo feminino pra você ser feminina tem que colocar um vestido, o tênis que todo mundo usa já não cabe. Fica um pouco difícil de você identificar o feminino, não necessariamente mulher. Mas identificar o feminino no baile. Porque tanto a vestimenta no baile no início. No início o baile era meio que determinado, mas o que era visto como masculino e o que era visto como feminino. Hoje em dia, graças a Deus, isso não tem mais essa divisão. Mas ao mesmo tempo que você não tem mais essa divisão, o feminino ele foi não; ele foi deixado de lado; digamos assim ele é meio secundário. É muito, é muito estranho você chegar no baile e ver alguém de salto e vestido, por exemplo. Esse tipo de vestimenta não é muito aceita, a não ser que você seja da Velha Guarda do Charme. Aí tá tudo bem você ir de vestido e salto alto para o baile. Mas se você não é da Velha Guarda: como assim por que essa pessoa veio para o baile de vestido? E tá tudo bem se você quiser ir de vestido. Você vai encontrar uns olhares meio, sei lá. É, em questão dessa, tirando a parte da vestimenta, também tem questão até onde você como mulher no baile pode, você tem seu espaço não só no baile em si. Porque baile em si não reflete: o problema em si não é o baile, o machismo, o Movimento na verdade não é machista, embora tenha destaque, grande destaque para os homens. O movimento em si não é machista, o machismo vem da nossa sociedade que entra no Movimento Charme em si, né. Eu vou dividir esse áudio.

Existe uma música que é, fica muito evidente, é, a visão que se tem do, do, do, da masculinidade em si, né, do machismo no baile. É uma música do, chamada TS Peace do Fat Joe Remi e Vitória Sunshine. Começa “Go fuck with me” e as pessoas gritam “safada”, e vai, por assim vai. Né, o termo é todo feminino tipo “safada”, cachorra e é uma música tipo que eu gosto, mas te deixa num canto. Porque tipo, a letra em si não tem nada a ver, mas porque colocaram isso na música, entendeu. É algo meio a que se pensar em questão de como nossa sociedade e de como o movimento em si reflete um problema social que a gente tem, né, que é o machismo em si.

Cara, o baile charme nas escolas é muito, eu acho uma coisa muito interessante, se souber ser trabalhado. Que o baile charme em si, o baile não mais

nada que outro baile. Pode ser um baile de pagode, um baile de forró, um baile de funk. Baile é baile, é aquele momento e acabou. Né, mas o charme em si, se você trouxer, souber pegar o Movimento Charme e colocar dentro das escolas não só como uma dança, né, mas se for como eu aprendi, né, nas minhas aulas de charme. Você mostrar o Movimento, o que é o Movimento Charme para através de passos mostrar. Antigamente, o charme veio de tal local, antigamente você dançava assim por causa disso, disso, disso. Como eram as pessoas, como era a relação das pessoas naquela época, como é a relação das pessoas hoje em dia, como que são os passos, quais foram os assuntos que atravessaram esse Movimento ao longo dos anos, que fizeram com que esses passos mudassem, né. Se você conseguir trazer isso para dentro de sala de aula e explicar isso através dos passos, aí a evolução toda do Charme, não só a Dança em si, mas explicando os Movimentos que atravessaram o Charme ao longo dos anos, seria maravilhoso. Porque o charme em si, por ser uma dança, uma das danças, que não é só o charme que tem uma história, mas por ser uma das danças que tem uma história muito forte no Movimento Negro em si, Movimento Negro, essa tentativa de inclusão das pessoas. Quem sabe, né a gente ainda está caminhando para essa ideia da inclusão. Mas, o charme parte de uma ideia eu sou excluído, vou me juntar com outro excluído para que eu deixe de ser excluído. Né, os próprios bailes, é, iniciaram-se assim, né. São bailes que se iniciaram a partir de pessoas que eram excluídas da sociedade, que eram pares, que se esforçavam para fazer parte de algum Movimento, que se esforçavam para se unir de alguma forma e se enxergar no outro. Enxergar a beleza, enxergar a beleza inicialmente do corpo negro em si. É, seria muito interessante porque é através do tema Charme em si da própria Dança em si que você consegue trabalhar as formas, diversas formas de inclusão, consegue puxar vários assuntos. Mas, por que que tal dança é feito dessa forma, por que antigamente, se for olhar para os espaços atuais, né dos espaços antigos da velha guarda do Charme, você vai ver que eram passos na verdade muito grandes. Uma coisa do tipo me veja, eu tô aqui. São passos bem animadinhos, mas que chamam bastante atenção. Você vai, se você for caminhando ao longo do charme você vai ver que os passos vão ficando cada vez mais, a maioria, vai ficando cada vez mais rápido, que exige mais de seu corpo. Aí você consegue trabalhar, mas porque antigamente os passinhos eram assim, coisa mais contida, ao mesmo tempo, contida que digo em questão de movimentação, mas ao mesmo tempo tão visuais.

Os passos hoje em dia não prezam tanto o visual, mas prezam mais a execução. Ele trabalha mais seu esforço físico que qualquer outra coisa. Você pode trabalhar esse conceito, tanto corporalmente, quanto ideologicamente. Essa é a palavra certa (rs), né. Você consegue através do charme atuar na escola em duas frentes: a frente do movimento-se: vamos curtir uma música, vamos inventar nosso passo; não necessariamente você precisa seguir o coleguinha, mas pode esse é o outro passo para poder compor, você pode partir da construção dos passos em si, né, você pode falar dentro do charme, você pode falar de hip hop, pode falar de break, pode falar de popping. Porque são um, dois movimentos que compõem o charme em si, né, a movimentação. Pode trabalhar a partir da consciência, consciência social do charme, o charme em si no Rio de Janeiro ele é mais forte, mais evidente em Madureira. Mas por que ele é mais evidente em Madureira? O que Madureira tem? O que essa Região de Madureira, Campinho, Oswaldo Cruz, enfim o que essa região, esse grande Quilombo que é a Região de Madureira traz, que ele tem como para dar a base do charme, que possibilite que o charme seja tão visível assim, visível internacionalmente. Então é isso, tipo o trabalho do charme em si, da consciência do Movimento Charme em si das escolas é uma coisa muito importante que deveria ser feito, né, deveria ser feito, deveria ser debatido, mas debatido de uma forma que trouxesse tudo que atravesse o Movimento em si, não somente os passos.

E além desses, dessas coisas, né, que você consegue pegar só por estar no ambiente que não são muito evidentes, mas você consegue perceber. Tem uma coisa que me incomoda muito, mas aí não é necessariamente vinculado ao baile em si. Tipo, no baile você vai encontrar de pessoas solteiras a casais, a casais com crianças, né, em alguns bailes. É, você vai encontrar basicamente família. E o clima do baile não deixa de ser um clima familiar, tendo famílias, né, famílias que eu digo, é, biológicas, se é que a gente pode dizer assim, formais, na instituição formal, quanto famílias que você escolhe, né, alguém que tem um amigo muito próximo que acaba comparando e vendo esse amigo como família, né. Família escolhida. É, nesse ambiente do charme, em si, você consegue, é, ver que a visão em si que se tem do corpo feminino; aí eu me refiro a corpo, é um pouco hipersensualizada. Por exemplo, você meio que trata as meninas do baile como, a, se você tá acompanhada eu vou me referir primeiro ao carinha. Por exemplo: eu tô no baile, alguém chega para falar comigo e com Jader, por exemplo e esse alguém é um

homem. Ele vai primeiro, se falar com ele, depois ele vai falar comigo. A não ser que seja um amigo só meu. Caso contrário, se for amigo em comum, é, é muito mais comum você ver, é, os homens conversando com os homens primeiro. Cumprimentando os homens primeiro, isso quando te cumprimentam. Também tem essa, né! Você está do lado de algum homem no baile, seja seu companheiro ou não. Os homens só falam com homens. Eles vão chegar, vão apertar a mão, vão conversar e não vão falar com você. Isso acontece mais com os mais novos. Com os mais velhos, né, isso acontece, mas não é tão frequente. Com os mais novos sim, com os mais novos eles vão conversar entre homens e você vai ficar lá. Quando ia falar com você, um aceno, de cabeça, às vezes, um aperto de mão, é tranquilo; mas a maioria das vezes isso não ia acontecer: eles não vão falar. Eu falei, não lembro se já falei da hipersensualização, né. Que quando você vai para o baile, não necessariamente, uma roupa estilo hip hop, né, um blusão, uma calça, um tênis; você é hipersensualizada. I sso não acontece somente no baile, né. Isso acontece na sociedade em si, mas que o baile acaba incorporando tipo, é, deixa ver mais o que. O que são os passos que já falei, a maioria dos passos que a gente segue são iniciados pelos homens, né. Os nossos DJs são homens. É difícil, fica, fica, é quase impossível, pelo menos pra mim citar uma mulher que seja DJ de charme. A gente tem outras DJs, tem a DJ do viaduto, que é um grande avanço o Viaduto de Madureira ter a primeira mulher DJ tocando na residente, né. Na residente da casa. Ela é a primeira a tocar no baile, infelizmente sim, quando o baile ainda está vazio. Né, e ela é realmente muito boa, mas ela é a primeira a tocar. Enfim, a gente não sabe qual é a disponibilidade que ela tem de horário para tocar em um horário que seja, que tenha mais gente, daí são outras questões. Mas, ela é a primeira a tocar. E a primeira que eu vejo tocando. A gente tinha de vez em quando no viaduto a DJ Tammy, mas a DJ Tammy não era uma DJ focada no charme em si. Que agora ela está tocando em outros locais, já tá um pouco mais de visibilidade. É uma das poucas DJ's que a gente tem aqui que veio de Madureira, digamos assim. É, a vestimenta é restritiva, é, a visão da mulher, não necessariamente só da mulher, visão do feminino, em si, é um pouco estereotipado se você, se você está em um corpo, um corpo feminino e você não transborda essa feminilidade, também você é meio que uma párea, né. Porque tipo você dificilmente vai entrar no baile e vai ver de uma forma muito evidente. É claro, tem umas pessoas que a gente já conhece que se destacam por isso. Mas, se destacam porque não é comum, não é um

ambiente que possa se considerar acolhedor a todas as tribos. É, você não vai ver uma mulher, dificilmente você vai ver uma mulher trans rodando no baile. Por quê? Não sabemos: machismo, né. O próprio ar do machismo impede que essas pessoas cheguem. Você dificilmente vai ver um homem. Existem homens gays no charme? Existem homens gays no charme, mas você não vai ver, é, com uma feminilidade muito mais aflorada. Você vai ver pessoas que são, que são gays ou lésbicas meio que seguindo padrão, entre aspas. Um padrão social, um padrão mais aceitável que um padrão mais livre, mais despachado, via essas coisas, né. No Movimento em si não se discute isso, não se discute masculinilidade, não se discute racismo, não se discute homofobia. A gente sabe que tem.

As amizades no Movimento em si, as amizades no baile. As amizades do baile, elas são muito, assim elas variam. Às vezes, você pode ter amigos que você vai levar para a vida toda e às vezes são amigos só de baile. Né, igual a qualquer outro local em si, né. É, eu posso falar, eu falo com propriedade que quando entrei no Charme e quando comecei a fazer as aulas; na verdade de Charme no viaduto, no SESC; eu encontrei um grupo de pessoas que por mais que a pandemia tenha afastado fisicamente agora ou até mesmo o WhatsApp, né. Porque com a pandemia veio excesso de coisas para se fazer online e tem que estar sempre online por causa do trabalho e por causa dos cursos e tal. Então, ficar online traz não; deixou de ser um divertimento, que antes era um divertimento ficar no Facebook, Instagram, WhatsApp, falando com as pessoas. Hoje em dia, para mim, não é mais: um pouco cansativo. Então, eu acabei me afastando um pouco das redes sociais em si. Até por cima do WhatsApp, mas é, as amizades do Charme, é, elas variam muito, tipo quando eu entrei no Charme, eu encontrei um grupo de pessoas que a gente fez um grupo que se fala até hoje. O grupo não é muito movimentado, saíram algumas pessoas ao longo do tempo, né, mas o grupo ainda se mantém, né. Eu ainda falo com essas pessoas. Se a gente se encontrar em algum baile, ou seja, Charme ou qualquer outro local, se alguém marcar a gente vai, essas coisas, são pessoas que eu vou levar para minha vida. Mas tem gente que, às vezes, você conhece no Charme e só conhece a pessoa ali. Tipo, se você ver a pessoa na rua você não fala nem um “oi” rs, rs, rs. Né, é nesse nível. Tipo, as amizades do charme, em si, pra algumas pessoas é uma coisa muito artificial porque só se veem em dia de charme, e tal, para outras essas amizades salvaram vidas, né. É quando, quando eu entrei num, eu entrei conscientemente, eu digo, no baile charme; eu comecei a fazer as

aulas. As aulas de charme em si, elas foram muito importantes pro grupo de pessoas que eu considero meus amigos hoje. Porque tava alguém que tava participando passando por algum problema, é alguém não tinha amigos, faltava, precisava de uma interação mais pessoal com o outro. Alguém era, tipo outra pessoa era muito tímido, e por aí vai. As pessoas tinham, essas pessoas tinham vários problemas na vida pessoal delas que acabou sendo resolvido, elas foram resgatadas graças ao Movimento Charme, né. Aos bailes, não só Movimento porque, não necessariamente, você precisa você precisa ter consciência do Movimento para fazer parte dele. Na verdade, é uma teoria muito louca minha, mas enfim, né. Mas é basicamente isso tipo as pessoas foram se juntando graças ao objetivo comum, que era aprender a dançar charme, né. E esse objetivo de aprender a dançar charme virou um objetivo dançar charme no baile e em bailes que a gente conseguisse dançar. E desse objetivo surge uma coisa muito maior que é estar junto e é isso a realidade do Charme. Tem amizades que eu conservo desde o início, é tem amizades que já se foram e tem amizades que eu conheci em outras aulas de dança, frequentando os próprios bailes em si; você vê a mesma pessoa sempre, acaba puxando assunto, acaba tendo coisa em comum e descobre que mora perto de você, e aí descobre que mora muito longe. Mas enfim, você vai criando laços com as pessoas e esses laços que você tem no baile em si acabam fazendo com que você tenha vontade de estar lá de novo com aquelas pessoas novamente e aí vai.

3) TRANSCRIÇÃO PATRÍCIA:

Meu nome é Patrícia, tenho 50 anos, sou produtora cultural e professora. Meu primeiro contato com o Movimento Charme foi no ano de 1994, quando um colega de trabalho me convidou para ir ao Bola Preta; num baile de charme que acontecia todas às quintas feiras.

A partir do Bola Preta passei a frequentar outros bailes, né. Tinha o Nutri Center, né, tinha O Tem Tudo de Madureira, O Disco Voador em Marechal Hermes, que era todos os domingos a partir das 16 horas. Tinha o Mackenzie, né no Meier, Blue Garden perto do Norte Shopping (que hoje é uma concessionária), o Grêmio Recreativo Vera Cruz, o Asa Branca na Lapa que acontecia todas às sextas feiras e

era um Happy Hour que acontecia das 18h até meia noite e uma vez ao mês. Não só eu, mas como a maioria dos dançarinos, dos charmeiros que lá estavam, nós pegávamos um ônibus, o 261, exatamente para ir para o Vera Cruz. Né, então foi muito bacana esse momento, esses dias maravilhosos, né. Então, ficávamos no Vera Cruz até 5/6 horas da manhã, né dançávamos, tinha um som maravilhoso, né, uma produção, né. Tinha também um outro baile que agora me lembro na Avenida Oswaldo Cruz ali no Flamengo que era intitulado de Sou Rio, que era muito bom, maravilhoso. Havia também a Fundição Progresso, aos sábados, né, no final dos anos 90, que sempre começava às 22h e ia até às 6h da manhã. E tinha também às 5h da manhã, antes do final, um café da manhã, para quem ficasse até o final. Esse baile era maravilhoso, porque não eram só pessoas da zona norte, eram mais também pessoas da zona sul, do Centro da Cidade. Ficava realmente bem cheio né e também conheci muitas pessoas que até hoje são até hoje são minhas amigas. Então, foi um momento maravilhoso também. Foi ótimo e é isso. Enfim, a Fundição Progresso foi um marco para muitas pessoas da Zona Sul que também não conheciam o que era charme. Enfim, então, com o final de baile charme no Bola Preta em 2007, eu comecei a participar mais dos bailes de Flash Back dos anos 80, 90, 70 e mais com a reunião das amizades que eu fiz no Movimento Charme, onde são tocadas músicas de charme, flashback, black music dos anos 80 e 90.

Como já havia dito anteriormente, eu fiz muitas amizades durante as duas décadas e meia e praticamente até hoje mantendo contato com muitas delas. É, nossa até hoje eu tenho amigos que ganhei, que eu fiz dentro do Baile de Charme, do Movimento Charme, maravilhosos que eu considero muito e admiro, né pelo próprio perfil. Né, então é maravilhoso assim. É muito bacana, né. Nossa, recentemente, fiz parte até por convite de um amigo da época lá do Bola de 94, que eu conheci eles dançando num grupo e fiz parte da Cia que ele montou e que foi uma troca de experiência maravilhosa que eu tive. Assim, meu Deus, foi maravilhoso, é como se portar num palco, a própria, o próprio backstage de uma companhia de dança. Nossa, os ensaios, né. Tinha os bailes que nós íamos. Então, foi assim muito bacana essa experiência. Né, infelizmente o que afetou, né, não só a mim, mas a maioria dos charmeiros, né, foi o encerramento do Bola Preta. Infelizmente em 2007 por questões fiscais, questões do próprio clube em si, pelas internas administrativamente eles tiveram, foram obrigados a fechar, a encerrar as atividades e infelizmente nosso ponto de encontro dos charmeiros semanal às

quintas não existia mais. Então, é isso. Infelizmente, foi o que me marcou muito assim. Eu, a maioria, não só eu, mas a maioria nós ficamos um pouco órfão daquele baile aí, né, de tão fácil acesso, de cultura rica que nós tínhamos, de pessoas, enchia muito nas vésperas de feriado. Então, foi realmente um momento muito ruim assim.

Eu particularmente não identifico, nem reconheço nenhum conceito machista presente no Baile de Charme ou no Movimento Charme, né, as quais eu frequentei ou frequento desde 1994. Ah, ao meu ver e muito pelo contrário eu vejo que esse Movimento Charme e os Bailes de Charme, é, tem um ambiente extremamente democrático que dá oportunidade de todos que lá estão, a todos os participantes, é, todos os dançarinos, ah, ou não, é, que estão pela primeira vez de mostrarem suas habilidades e talentos, né. Bom, há grupos que são compostos em sua maioria por mulheres e também há mulheres que ministram workshops, ah, de passinhos do Movimento Charme e também há DJ's femininas, né. Então, hoje em dia, eu particularmente, eu não vejo um conceito machista, né, no Movimento, né. Há outros conceitos expressados através do Baile de Charme, do Movimento, né. Como exemplo, é, espírito de grupo, eu percebo muito isso. A música, em si, né, e a amplitude, a ampliação dos horizontes culturais, né. Há também a percepção do look visual, né, fazer moda, vamos dizer assim. Enfim, eu não percebi assim ainda por esse lado, por esse conceito, eu nunca percebi esse conceito machista, né, e que hoje em dia, assim, as mulheres, né, puxando passinhos e também há mais mulheres nas pick ups, tocando essas músicas. Então, particularmente eu não reconheço, assim, esse conceito machista.

Ir a um baile de Charme, ãhn, tinha todo uma produção que ia desde o cabelo até os sapatos. Uma imagem que me marcou muito, que nunca esqueci, foi uma vez indo ao Baile de Flashback do Vera Cruz, né, em direção a Abolição. Eu pegava sempre o 457, né. Vi um ônibus em direção a Abolição e não havia pessoas sentadas, mas em pé, apenas para não amassar a roupa, rs, a fim de chegar no Baile do Vera Cruz com o visual impecável. Então eles faziam questão, né, não só homem, mas mulheres, né. Ah, tinha umas 20, 30 pessoas em pé assim no ônibus e as cadeiras todas vazias.

Então gente, essa imagem pra mim ficou muito marcada, né. Eu, o quanto era importante você estar impecável: os cabelos, os sapatos, né. As mulheres iam de salto, os homens iam de sapato social. Tinha todo uma, um look, né: os cabelos

eram de chapinha, mas eram super bem produzidos, black também, black power. Então é isso, mas foi uma imagem que jamais me esqueci, né. Foi desse ônibus, né. E também tinha essa maquiagem, que também era sóbria, mas era vibrante, era fino, né. Era uma coisa bem-feita. O cabelo também, o salto alto. Ah, tinha muito blazers que usava na época, né. E faziam parte do figurino, né, que é característica do charmeiro. Então, foi um momento, assim, que nunca esqueci: jamais foi esse ônibus, né, com essas pessoas em pé e os lugares vazios, né. E depois eu me perguntava: gente, por quê? e aí eu comentei, né. Chegando ao Baile eu comentei com alguns amigos e eles falaram: não, é porque não pode amassar a roupa. Eu falei, assim, gente: isso é show. Assim, aquilo ficou pra mim na minha memória. Até hoje eu não esqueço dessa passagem.

A proposta de aulas de Charme nas escolas é e seria e será muito interessante porque o Movimento Charme iria agregar ao ensino dos alunos uma experiência culturalmente rica, ah, que traria benefícios cognitivos, psicossociais, emocionais e físicos. Né, porque a dança é um alto nível de integração. É, a dança é uma ferramenta maravilhosa, né, desinibidora, né faz ela, o aluno ficar com a mente mais ativa, né. A sensação, ah, da memória funcionar mais ,né, funciona melhor porque é um exercício e fora o aspecto histórico, né, sociocultural, ah, de todo o movimento, tem a música que é muito rica. Ah, então seria maravilhoso, seria interessantíssimo, né agregar todos essas, esses valores também na sociedade pros alunos. Esses alunos teriam uma bagagem mais culturalmente rica, não só no seu aspecto histórico do Movimento, né, e também na Dança. A Dança também sairia, né, eles sairiam preparados pra uma Dança totalmente diferenciada. Né, a criatividade que ela propõe, né, que a dança se propõe, vamos dizer assim. Então, ao meu ver, né, na minha opinião seria muito interessante, muito bacana essa proposta. Eu espero que dê certo. Eu espero que seja pra já!